



## Como organizar um curso de línguas: mapeamento linguístico, propostas formativas e ensino pluri/translínque<sup>1</sup>

### *How to organize a language course: linguistic mapping, training proposals and pluri/translingual teaching*

**Milan Puh**

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 0000-0002-3231-806X,  
milanpuh@usp.br

**Pedro Henrique Camargo Freire**

Universidade de São Paulo, ORCID: 0000-0002-3220-9509, pedro.freire@usp.br

**Laís Vitória Favaro**

Universidade de São Paulo, ORCID: 0000-0003-2412-6348, [laisfavaro@usp.br](mailto:laisfavaro@usp.br)

#### **Resumo**

Neste relato de experiência demonstramos o processo de organização de um curso de línguas, realizado na Universidade de São Paulo em 2021, com a presença de seis línguas ainda pouco divulgadas no Brasil, especialmente no espaço acadêmico. Objetivamos aqui mostrar uma proposta formativa que se fundamenta no ensino pluri e translínque, tal como propõem Cavalcanti, 2013 e Würzius (2017), precedida por um mapeamento linguístico (FAVARO, FREIRE e PUH, 2020) para se traçar o perfil da instituição em que o curso será realizado. A inserção da proposta numa concepção de ensino deve-se ao fato de que não privilegia uma língua, mas uma variedade delas, trabalhadas ao mesmo tempo. Trata-se, portanto, de apresentar uma possibilidade de elaboração de cursos que sejam atentos às características dos espaços onde serão oferecidos e que tenham uma proposta educativa de formar um público que esteja mais consciente e sensível à diversidade linguística brasileira e do mundo.

Palavras-chaves: Planejamento educacional; Conscientização linguística, Formação docente.

#### **Abstract**

This experience report demonstrates the process of organizing a language course, held at the University of São Paulo in 2021, with the presence of six languages still not very known in Brazil, especially in the academic context. We aim here to show a training proposal that is based on pluri and translinguistic teaching, as proposed by Cavalcanti, 2013 and Würzius (2017), preceded by a linguistic mapping (FAVARO, FREIRE and PUH, 2020) to outline the profile of the institution in which the course will be held. The insertion of the proposal has a teaching concept that does not privilege one language, but a variety of them studied at the same time. It represents, therefore, a possibility of elaborating courses attentive to

---

<sup>1</sup> Esse relatório de pesquisa é fruto do projeto de extensão “Línguas da USP, Línguas na USP”, pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP)



the characteristics of the spaces of their offering, having an educational proposal to form an audience that is more aware and sensitive to the Brazilian and world linguistic diversity.

Keywords: educational planning; linguistic awareness, training.

## 1 Introdução

Na atualidade, podemos dizer que é mais perceptível a discussão sobre a necessidade da Universidade Pública apresentar os resultados à população, parcialmente como uma resposta aos questionamentos mais recentes sobre a contribuição da ciência para com aqueles que, diz-se, pagam as suas contas. Aqui precisa-se incluir também uma, talvez, não tão notada (in)disposição da comunidade acadêmica de prestar contas para seus pares, mostrando quais foram os resultados, as dificuldades, os impasses e as falhas que ocorreram ao longo da realização de determinadas atividades. Identificadas essas duas premissas, partiremos para a apresentação de um artigo que oferecerá uma narrativa sobre como pode se criar um curso para trabalhar línguas ainda pouco conhecidas e presentes em ambiente de ensino brasileiro (público ou não, universitário ou não).

Iniciamos, portanto, explicitando o modo de elaborar este relato de experiência. Discorreremos sobre como narrar, recontar e detalhar as etapas de construção e elaboração das propostas formuladas ao longo do trabalho feito no projeto “Línguas da USP, Línguas na USP”<sup>2</sup>, inspirados pela publicação “Pesquisa Narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas” (2020). Pensamos neste modelo para reconstruir as ideias, propostas e pesquisas no caminho que a Pesquisa Narrativa define ao optar por refletir sobre o modo de transmissão dos resultados, análises e percursos formativos dos envolvidos no projeto. O relato elaborado neste artigo pretende explicitar o surgimento das ideias e da progressão dos estudos e ações. Este projeto, embora tenha realizado os seus primeiros objetivos, envolveu muitos caminhos não previstos e que não costumam ser identificáveis no artigo científico, justamente pelas características próprias desse gênero que narra, normalmente, somente o positivo e o concretizado que faz com que percamos informações e reflexões valiosas.

Dessa maneira, contar a história do projeto - de um ano de mapeamentos, apresentações, adaptações ao contexto do trabalho remoto emergencial - à luz da Pesquisa Narrativa, torna-se um meio tanto para integrantes deste projeto, quanto para os nossos

---

<sup>2</sup> Projeto de extensão da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, entre 2020 e 2021.



leitores de contar, recontar e reviver a nossa pesquisa e experiência de criar um curso inédito, em alguma medida. É importante ressaltar que em Pesquisa Narrativa esses três verbos no infinitivo não se referem apenas às ações verbais, sobre contar de novo e relatar a experiência literalmente, mas ao “processo intenso de reflexão ao realizarmos o movimento retrospectivo para retomar ou relembrar nossas experiências” (BARCELOS, 2020, p.59).

Sendo assim, a ideia do relato foi reconstituir os percalços do projeto por uma narrativa que ajuda - a nós, como aos leitores - a reorganizar os resultados, as análises e o projeto como um todo. Portanto, quem for ler este texto perceberá a presença de quatro aspectos de uma pesquisa narrativa: 1. da temporalidade em que foram ordenadas as experiências passadas com o intuito de projetar experiências futuras; 2. da pessoalidade em que expressamos, em determinados momentos, nossos sentimentos, expectativas, percepções e reações enquanto indivíduos e grupo; 3. da sociabilidade em que abordamos e descrevemos o ambiente em que foi realizado o curso, bem como outros fatores que influenciaram a sua concepção, sendo a crise sanitária-política um dos mais significativos dos últimos 2 anos; e 4. da espacialidade na qual falamos do contexto em que a pesquisa e a participação dos agentes se deu.

Ao se tratar de um relato de experiência, cabe ainda dizer porque optamos pelo uso de três seções tradicionalmente utilizadas em um artigo científico, como “introdução”, “percurso metodológico”, “resultados e considerações finais”. Almejamos criar uma narrativa fluida que respeita o processo que se efetivou ao longo do projeto, e, especificamente, o do curso criado por nós, porém sem deixar de fazer as devidas referências teóricas e colocações, comumente empregadas na escrita científica. Esperamos ter atendido ao que se espera de um relato, isto é: socializar resultados e, ao mesmo tempo, reconhecer em maior grau a subjetividade inerente à escrita para apontar outras mazelas e desafios que outras abordagens não enfocam.

## 2 Desenvolvimento

Iniciamos este relato colocando algumas das bases teóricas que fundamentam o projeto para depois apresentar o percurso metodológico que resultou no ciclo de encontros. O projeto “Línguas na USP, Línguas da USP” constituiu-se como projeto de



extensão universitária e durou dois semestres entre 2020 e 2021 na Faculdade da Educação da Universidade de São Paulo. Iniciamos o projeto como um espaço de discussão e reflexão sobre práticas monolíngues e orientalizantes (PUH, 2020), junto com projeto “Produção de materiais didáticos e metodologias para ensino de línguas no contexto brasileiro”, que, ambos, tinham o mesmo coordenador e visavam, de diferentes maneiras, a necessidade de se construírem propostas formativas de sensibilização e conscientização linguística, o que foi relatado parcialmente em Favaro, Freire e Puh (2021).

Suas bases são definidas, como consta no título deste artigo, pelos conceitos de translinguagem no ensino (CAVALCANTI, 2013); abordagens plurais; conscientização/sensibilização linguística (WÜRZIUS, 2017) e mapeamento linguístico (SEIFFERT, 2014). Decidimos inserir o projeto no campo educativo, dentro da perspectiva transnacional, pelo fato de existir articulação entre a mobilidade e a migração enquanto partes de um movimento maior de deslocamento na contemporaneidade. A Educação Transnacional, portanto, ajuda a delimitar esses dois fenômenos, observando a mobilidade como um âmbito em que necessariamente há um recorte social de classes mais altas com a manutenção de sua posição privilegiada através da participação nas esferas de ensino superior (VAN ZANTEN *et al*, 2015). Já a migração indicaria uma circulação de pessoas em uma situação econômico-social precária em diversos espaços educativos (BROOKS; WATERS, 2011).

Partimos da ideia de que há uma diferença quase inerente aos dois processos que também acabam provocando uma internacionalização dos seus espaços, os quais não são estanques e que podem e devem ser tensionados e, inclusive, superados enquanto operadores teórico-metodológicos, assim discutindo o inter- e o trans- nas relações ditas nacionais. Isso significa não somente estudar as experiências das comunidades de imigrantes, mas também permitir que elas sejam co-participantes, o que é apontado enquanto uma qualidade transgressiva e renovadora da abordagem transnacional (BROOKS; WATERS, 2011), pois ajuda a modificar e encaminhar os processos de internacionalização para uma maior valorização de vidas humanas. Além disso, o projeto se preocupou, igualmente, com aspectos formativos de atuais e futuros profissionais formados em Letras, especialmente aqueles que poderão diretamente atuar junto com comunidades imigrantes. Pesquisas recentes como a de Pereira, Silva e Guimarães



(2020), que oferecem propostas e critérios para se trabalhar com a internacionalização da educação como prática translíngue e crítica na formação de futuros professores, ou a de Cursino (2020), que discute a formação de professores numa perspectiva plurilíngue para acolhimento linguístico, representam um fundamento teórico-metodológico importante para a atualidade da discussão em outras instituições ao redor do país. Visa-se, ainda, ampliar futuramente essa formação para todos os profissionais da educação, uma vez que todos trabalham com linguagens, argumento para o qual encontramos apoio em Magalhães (2007).

Esse arcabouço teórico é resultado de um período de três meses de leitura de textos e discussões coletivas, em que dois integrantes e o coordenador do projeto partiram para a construção de um espaço de conversa multilateral com possíveis ministrantes para pensar e realizar o ciclo de encontros. Para que se pudesse chegar a candidatos para serem ministrantes e aderirem à proposta do projeto, tivemos como principal objetivo o mapeamento das línguas na cidade de São Paulo e na Universidade de São Paulo. Isto é, a ideia geral inicial foi descobrir quantas línguas são efetivamente faladas/usadas e quantas línguas potencialmente poderiam circular nesses espaços, sendo que este aspecto do projeto foi relatado no texto de Favaro, Freire e Puh, 2021. No entanto, apesar de termos começado com esta proposta para o nosso projeto, as ideias se ampliaram e a dimensão do nosso objetivo primeiro se expandiu, tal como acontece com muitos projetos que se colocam como desafio de diagnosticar, investigar e expandir uma determinada área de conhecimento.

O mapeamento nos levou a buscar os convênios acadêmicos que a USP estabelece com as outras universidades, nacionais e internacionais. Neste levantamento, um termo - que depois identificamos como um conceito - apareceu repetidas vezes: internacionalização. As universidades devem internacionalizar-se, dita um certo senso comum acadêmico, pois esta é uma ideia recente utilizada como parâmetro de avaliação dos rankings das melhores - e “não tão excelentes” - universidades. Visitamos os sites das universidades para entender o que seria essa “internacionalização” e qual seria sua definição e avaliação, já que um dos objetivos era visibilizar diferentes línguas faladas nos espaços mencionados, algo que já evoca um certo caráter internacionalizante para o projeto. O que encontramos foi um entendimento amplo do termo, que envolvia intercâmbios acadêmicos, entre corpo discente e docente, a mobilidade acadêmica e o



grau de troca de conhecimento com outras instituições científicas. A definição do que é “internacionalizar-se” não nos pareceu precisa e, também, de difícil avaliação. Afinal, o que é uma universidade internacional e como o ensino de línguas (não) contribui para tal caracterização? E como nossas instituições de tecnologia e conhecimento aproveitam essa pluralidade (talvez não tão plural assim) de saberes?

Paralelamente a esse levantamento da mobilidade acadêmica, buscamos identificar e mapear quais as línguas presentes na cidade paulistana. Houve também uma conscientização dos modos de identificar os fluxos migratórios que constituem a nossa cidade, indo além dos fluxos mais conhecidos e divulgados como o italiano, japonês, chinês - e, também, para além das línguas italiana, japonesa e o mandarim. Buscamos as associações culturais dos grupos migratórios na prefeitura de São Paulo, especificamente na Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo (SMDHC), e encontramos um documento importante para o projeto: o “Mapeamento dos grupos de imigrantes ou ligados à temática migratória” apresentado pela Coordenação de Políticas Para Imigrantes e Promoção do Trabalho Decente em Janeiro de 2019.

Este documento nos possibilitou acessar as culturas e, portanto, as línguas identificadas indiretamente pela Secretaria supracitada. Baseado na Lei Municipal 16.478/2016<sup>3</sup>, que afirma o mapeamento dos grupos imigrantes da cidade de São Paulo como indispensável para garantir os direitos dos imigrantes e a organização de políticas públicas, a prefeitura abriu, por meio de um formulário online, a inscrição de grupos ligados à temática da imigração. Esse documento foi adicionado como parte da nossa metodologia de mapeamento. De posse dessas informações, entramos em contato com as associações e grupos cadastrados<sup>4</sup>, privilegiando o nosso objetivo de buscar pelas línguas menos divulgadas no ambiente universitário uspiano.

Outra parte da nossa estratégia de mapeamento de possíveis línguas ministrantes, que nos ajudariam a apresentá-las como uma possibilidade de estudo e aprendizagem no espaço acadêmico, foi a análise dos convênios que a USP mantém na atualidade. Trata-se, portanto, de uma passagem de mapeamento externo, apresentado

<sup>3</sup> <http://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-16478-de-08-de-julho-de-2016/>

<sup>4</sup>

[https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos\\_humanos/2016\\_mapeamento%20grupos.pdf](https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/2016_mapeamento%20grupos.pdf)



anteriormente, para outro interno a ser comentado em seguida. O grande número de convênios que a USP estabelece foram organizados em um recorte diferente do que estava apresentado na página da AUCANI (Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional). Utilizamos as informações dispostas para analisar, quantitativamente, os números de convênio por país e por região, para entender quais países e regiões do globo - e, necessariamente, quais línguas - poderiam vir para a cidade de São Paulo e para USP por esses convênios acadêmicos. As nossas leituras bibliográficas iniciais, escolhidas pelo coordenador do projeto como forma de apresentação acadêmica de si e como um embasamento coletivo do grupo, foram posteriormente complementadas com outras leituras e pesquisas que apresentamos no já indicado artigo (FAVARO, FREIRE e PUH, 2021). No mesmo artigo, então, comentamos os primeiros levantamentos que indicam que pelo menos cerca de 70 línguas poderiam estar presentes na Universidade de São Paulo e na cidade da qual faz parte. Além desses dados, também foi observado como há uma grande concentração de convênios com a Europa em comparação com os outros continentes<sup>5</sup>. As estimativas foram elaboradas apenas com as línguas oficiais, sabendo que, na verdade, há muito mais línguas do que as oficializadas pelos Estados-Nações.

Nesse percurso, buscamos possíveis candidatos que trabalhem, vivenciem e falem essas línguas, chamadas por nós de “línguas menos divulgadas” - na falta de um termo mais adequado para os nossos propósitos - para integrar o nosso ciclo de encontros. Nessa concepção privilegiamos justamente o fato destas línguas serem pouco divulgadas no Brasil e especialmente na USP, desejando fazer uma apresentação para público interessado em estudar e ensinar estas línguas. Distribuimos questionários, elaborados e fundamentados em leituras bibliográficas<sup>6</sup> do projeto, para traçar o perfil linguístico e social dos nossos participantes, tendo em nosso escopo tanto os acadêmicos, que trabalham com as línguas mais formalmente, quanto os grupos culturais, que trabalham através de outras atividades que não o ensino formal da língua. Os levantamentos de internacionalização e dos grupos culturais presentes na cidade de São Paulo, citados no início do texto, nos fizeram buscar textos, dados e conceitos sobre a internacionalização e o estabelecimento de suas políticas linguísticas, além da conferência que nosso

---

<sup>5</sup> <https://linguasemdialogo.info/?O=art&Q=29>

<sup>6</sup> Essa referência aos questionários pode ser encontrada no artigo citado na nota anterior.



coordenador indicou sobre “Políticas Linguísticas para a internacionalização dos cursos de Letras”. Na conferência, Gorovitz foi apresentada como especialista para abordar o tema. Ela estava à frente dos processos de internacionalização dos cursos de letras da Universidade de Brasília (UnB) e discutia questões que nos chamaram atenção<sup>7</sup>. Resumidamente, Gorovitz comentava pontos sobre os rankings acadêmicos, o monolinguismo, as Políticas Linguísticas e, mais detalhadamente, sobre as Políticas e Planejamentos Linguísticos para a Ciência e a Educação Superior. Ao fim, contatamos a professora por e-mail<sup>8</sup> e ela foi muito solícita, formando uma rede de comunicação e conhecimento, entre nós, da USP, e o grupo da UnB. Posteriormente, Gorovitz e Puh começaram um projeto paralelo em que se procurou fazer um panorama sobre o pluricentrismo do português na produção acadêmica no Brasil, a partir da produção de alunos e alunas de pós-graduação na área de Humanas vindos da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa em três universidades públicas. Essa troca de conhecimentos contribuiu para o andamento do projeto, influenciando e ajudando a consolidar as nossas ideias e criando novos espaços de colaboração e atuação conjunta no ensino superior<sup>9</sup>.

Além de Gorovitz e a Universidade de Brasília, encontramos outro grupo com interesse na área de diversidade linguística e da democratização do ensino de línguas. Em nossas pesquisas, encontramos o site de um projeto de extensão da Universidade Federal do Paraná, chamado “Línguas em Diálogo”<sup>10</sup>. Na página de apresentação do projeto, identificamos interesses comuns aos nossos, como a possibilidade de “contribuir para uma reflexão sobre o senso comum, que valoriza algumas línguas e deixa outras esquecidas, ignoradas”<sup>11</sup>. Sendo assim, uma de nossas integrantes contactou o grupo, que também respondeu de forma muito solícita<sup>12</sup>. A partir desse diálogo, estabelecemos

---

<sup>7</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=qXKpjDn2SEs> Conferência: Políticas Linguísticas para a Internacionalização dos cursos de Letras.

<sup>8</sup> Um dos participantes do Projeto,, enviou o e-mail a fim de estabelecer essas relações, principalmente sobre um ponto citado pela professora sobre como elaborar um diagnóstico sociolinguístico de uma sociedade.

<sup>9</sup> Uma indicação de leitura feita por Gorovitz foi fulcral para o nosso pensamento. Trata-se do doutorado de Jesus, intitulado “Política e Planejamento Linguístico para a Ciência e Educação Superior: Possibilidades do multilinguismo para a produção e a difusão de conhecimento”.

<sup>10</sup> <https://linguasemdialogo.info/>

<sup>11</sup> Trecho retirado da página de apresentação do projeto “Línguas em Diálogo”.

<sup>12</sup> Favaro, bolsista PUB do projeto, enviou e-mail para estabelecer contato com o grupo, e foi a partir desse diálogo que nossas conversas continuaram.





relações profícuas e reuniões semanais para discutir as nossas ideias do formato do projeto, assim como também participar das intervenções linguísticas em turmas escolares do ensino fundamental, no estado do Paraná, em que os integrantes do “Línguas em Diálogo” atuavam.

O grupo da UFPR teve uma importância não apenas nas discussões teóricas, mas também na participação ativa em nossos encontros. Os integrantes do Línguas da USP, então, foram apresentados aos estudos sobre o Polonês, o Havaiano e o Esperanto. Essas três línguas integraram o nosso ciclo de encontros - que será descrito com mais detalhamento nas linhas abaixo. As línguas de imigração, as línguas que passaram por processos de revitalização e as línguas planejadas viraram objeto de maior atenção nossa, devido às atividades particulares de cada língua citada acima, que representa uma comunidade linguística, marcada, historicamente, por processos sociais distintos.

Após toda essa preparação, decidimos por organizar encontros sobre essas línguas “menos divulgadas” com o intuito de evidenciar alguns aspectos, como: a) mostrar, de fato, a diversidade das línguas, entendendo o processo que as envolvem; b) democratizar o ensino dessas línguas nos espaços acadêmicos e cidadãos; e c) trazer uma nova perspectiva à internacionalização, a partir das línguas e culturas presentes no entorno e na Universidade de São Paulo.

Quando decidiu-se pelo formato do evento, em que as línguas menos divulgadas seriam apresentadas e estudadas, optamos pelo título “Ciclo de Encontros: Línguas da USP, Línguas na USP” e começamos a busca por ministrantes. Elaboramos um curso de 12 encontros com 3 horas semanais, e queríamos que as 6 línguas abordadas tivessem certa diversidade cultural e técnica entre si. O objetivo desse evento não era ministrar uma aula de língua - no sentido de ensinar aspectos comunicacionais apenas -, até porque não havia tempo hábil para isso. Então decidimos organizar aulas *sobre* as línguas selecionadas, abordando, dessa forma, aspectos linguísticos-gramaticais, aspectos históricos da formação da comunidade falante e aspectos culturais ligados às populações de cada língua.

Nesse contexto, também pensamos ser importante fazer uma introdução às línguas, a partir da ótica e das discussões internas feitas pelos três integrantes do projeto. Assim, cada encontro começaria com uma curta apresentação de algum conceito, leitura ou tema do projeto, feita por Puh, e uma outra apresentação feita por Favaro ou por Freire,



que ficariam responsáveis por abordarem aspectos que caracterizassem, em algum ponto, a língua a ser estudada, da seguinte maneira: a) eslavo eclesiástico enquanto uma língua litúrgica (Freire); crioulo haitiano enquanto língua crioula oficial-estatal (Favaro); esperanto enquanto língua planejada (Freire); havaiano enquanto língua revitalizada (Favaro); polonês enquanto língua de imigração (Favaro) e guarani enquanto língua indígena nacional (Freire).

No quesito organizacional, o coordenador contactou a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Instituição que respaldou o projeto, para oficializar este ciclo de encontros online. O curso teria uma carga horária de 18 horas, com 100 vagas disponíveis, e duração de 6 semanas. Ao final, haveria a atribuição de certificados de participação para os participantes/ministrantes/organizadores, que cumprissem o mínimo da carga horária e da entrega das atividades propostas. As inscrições foram feitas por meio de formulários online disponibilizados em diversas mídias e redes sociais, principalmente em grupos de institutos e departamentos de Letras, na rede social Facebook. Os encontros aconteceriam via Google Meets, com o mesmo link para todos os dias. Para além dos participantes formalmente inscritos no curso, utilizamos um recurso de streaming ao vivo na plataforma do Youtube<sup>13</sup>. Dessa forma, podíamos ampliar o acesso ao curso e as línguas trabalhadas, além de possibilitar a gravação de todos os encontros que poderiam ser acessados em outros momentos<sup>14</sup>.

Um outro processo que fez parte do projeto foi o da criação de uma arte para gerar uma identidade visual. Com ferramentas e conhecimentos de design limitados de todos os membros, decidimos utilizar a plataforma Canva, que permite que pessoas não tão familiarizadas com design gráfico possam criar desenhos personalizados. Dessa maneira, tínhamos em mente que essa imagem, que simbolizaria o projeto, deveria representar a nossa perspectiva de tratamento das línguas: as suas histórias, os seus povos

---

<sup>13</sup> Criamos um canal (<https://www.youtube.com/channel/UC-ECnshXnGkiC3wHluvGl3g>) chamado “Línguas da USP, Línguas na USP” para organizar a a apresentação e gravação dos encontros

<sup>14</sup> Apesar de algumas dificuldades com a utilização dessas ferramentas, a gravação de todos os encontros encontra-se disponível no canal citado acima. Infelizmente, devido a determinados problemas técnicos que envolviam as falhas na conexão e na qualidade do áudio, tivemos que repostar alguns encontros, o que diminuiu o número de visualizações, assim como a ordem cronológica-linear dos encontros no canal. Dados importantes para se refletir sobre o formato final que o canal de Youtube ficou e quanto os problemas e dificuldades definem o formato final.



e as suas culturas. Dessa maneira que concebemos a imagem coletivamente que consta abaixo:

**Figura 1. Material de divulgação do curso**



**Fonte: produção própria**

Quanto à busca pelos candidatos-ministrantes, buscamos majoritariamente por pesquisas na internet e nas associações culturais de imigrantes, através do contato via email. Entretanto, apesar das diversas tentativas, não foram tantos os retornos recebidos. Não sabemos se por conta da pandemia, das dificuldades de conexão, ou, ainda, se certas associações, presentes no documento oficial, estavam atuando de fato. Assim, por esta metodologia, selecionamos os possíveis candidatos. Organizamos um primeiro encontro em que explicamos brevemente a proposta do evento, os propósitos do nosso projeto e os possíveis temas a serem desenvolvidos na apresentação deles.

Após esses encontros iniciais e a seleção dos participantes, continuamos acompanhando o trabalho deles, a preparação dos slides e o tema a ser desenvolvido. Aproximadamente com duas semanas antes dos encontros oficiais do evento, realizamos uma última reunião com cada ministrante para finalizar as apresentações. Assim, poderíamos discutir o que havia sido determinado nos primeiros contatos e acertar os detalhes finais, como os materiais de apresentação, a organização específica do evento e



compartilhar as nossas apresentações do dia. Esse procedimento de planejamento do processo de ensino-aprendizagem foi importante para manter a organização final dos encontros e para que o resultado fosse um trabalho dos participantes do projeto PUB e dos ministrantes convidados. No fim, apesar das intercorrências pandêmico-tecnológicas, conseguimos um número suficiente de interessados para ministrar os cursos e um quadro linguístico diverso que representou as “línguas menos divulgadas”.

Antes do início dos encontros, o coordenador do projeto recebeu um convite para ser entrevistado pelo Jornal USP<sup>15</sup> sobre as possíveis línguas faladas na Universidade de São Paulo. Esse artigo jornalístico foi publicado pouco tempo depois, ainda servindo como uma divulgação dos encontros do projeto que ocorreriam em seguida. Dessa forma, a publicação e a sua divulgação enaltecem a importância das diversas possibilidades de divulgação de um projeto acadêmico de extensão. Consideramos que qualquer projeto acadêmico deveria ter estratégias de divulgação e socialização bem delimitadas e pensadas, podendo atingir assim, de fato, um maior público e informar à população brasileira sobre os eventos universitários. Este texto pretende, justamente, divulgar e socializar as experiências e objetivos do projeto de uma outra maneira, não tão usual, de compartilhar o desenvolvimento de um projeto de extensão por um relato.

O primeiro encontro foi com o ministrante Vieira, mestrando na área de Letras Clássicas da USP, com sua dissertação focada no Eslavo Eclesiástico. Essa língua litúrgica, aparentemente afastada do contexto brasileiro, ainda é trabalhada em algumas igrejas ortodoxas no Brasil, como nos foi informado pelo próprio ministrante. Assim, a apresentação do Diego permitiu aos participantes conhecer mais da religião no território brasileiro e como ela ainda é utilizada nas igrejas ortodoxas de diversos países. Durante suas apresentações no Ciclo de Encontros, o convidado mencionou tanto características gramaticais da língua, como o alfabeto e alguns sons, quanto aspectos culturais sobre o surgimento do eslavo eclesiástico e do seu uso, em diferentes recortes temporais. Dessa maneira, seguindo a proposta do projeto de tratar *sobre* as línguas, o Eslavo Eclesiástico foi trabalhado nessa dupla perspectiva, dos aspectos gramaticais aos culturais.

---

<sup>15</sup> <https://jornal.usp.br/cultura/cerca-de-200-linguas-podem-estar-em-circulacao-nos-campi-da-usp/#:~:text=Pode-se%20estimar%20que%20cerca,esperanto%2C%20guarani%20e%20eslavo%20eclesiastico.>



O segundo encontro foi sobre o Crioulo Haitiano, ministrado por Cadet, uma imigrante haitiana que veio ao Brasil para estudar, além de produzir conteúdo para jovens haitianos através de podcasts e vídeos no Youtube, ambos com o nome de Ouvè Lespri - “Abrir a Mente”, em tradução livre. Cadet fez sua apresentação focando na posição do Crioulo Haitiano na sociedade haitiana, que ainda é muito afetada por políticas internas e externas, normalmente de proveniência imperialista. As sessões contaram com diferentes lados da realidade haitiana e como a questão do Francês e Crioulo Haitiano afeta as políticas linguísticas e educacionais no país. Ao fim de sua apresentação, Cadet nos provocou acerca de como poderíamos ajudar o Haiti e/ou aos imigrantes haitianos no Brasil. Por fim, a haitiana produziu um vídeo<sup>16</sup> para o Youtube relatando a experiência de participar do projeto. Antes de começar a sua apresentação, Puh fez uma breve explicação sobre como diagnosticamos o perfil linguístico no “Línguas da USP, Línguas da USP” e, logo em seguida, a Favaro fez uma introdução sobre a diferença entre as línguas crioulas e pidgins.

A terceira semana foi sobre o Esperanto e a apresentação teve como convidados membros do Línguas em Diálogo da UFPR. Este projeto parceiro teve como ministrantes Colling, da UFPR, Penia, formada na mesma instituição e Pita, da UERJ. Assim, estendemos novamente o nosso escopo de atuação e envolvimento para outros espaços acadêmicos, tal como é o da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em que Pita atua como um conhecedor da língua. O Esperanto é uma língua “planejada” - termo que se coloca, muitas vezes, em oposição ao termo “línguas étnicas” -, com um sistema linguístico que não prevê irregularidades ou exceções e, apesar desse status ou origem, não deixa de ser uma língua com falantes nativos e que demonstra crescimento em todos os continentes. Os ministrantes nos introduziram aspectos interessantes, tais como a produção cultural do esperanto, que conta com textos escritos, músicas e encontros mundiais de confraternização.

O quarto encontro também foi com um de nossos parceiros da UFPR, Nogas, graduando em Letras, que ministrou sobre o Havaiano. Diferente das outras línguas trabalhadas anteriormente, o Havaiano não é efetivamente falado no Brasil e não temos, pelo que constatamos, uma comunidade de migrantes. A apresentação abordou o processo

---

<sup>16</sup> [De Bresil a Haiti, fière de représenter mon pays a l'université de SAO PAULO. #STORYTIME](#)



de revitalização de línguas nativas, com o intuito de demonstrar como as proibições e coerções no Havaí, fruto do processo de imperialismo e colonização estadunidense, fizeram com que a língua local corresse o risco de desaparecimento para dar lugar ao inglês. Ao notar esse risco, a comunidade viu a necessidade de tentar manter a língua viva, usando diversas estratégias para inserir o uso do havaiano desde a infância na comunidade. Marcos abordou alguns aspectos históricos e linguísticos para descrever o processo de revitalização linguística, com todas as suas conquistas e dificuldades, fornecendo também muitas fontes para a continuação de estudos para quem se interessasse. Previamente, fizemos uma contextualização sobre a revitalização linguística com a ajuda do Puh e Favaro.

O quinto encontro foi mais uma parceria com o Línguas em Diálogo e, dessa vez, abordamos o Polonês com os ministrantes Budant e Kazubek. O polonês é uma língua de imigração, presente no Brasil há mais de um século, e possui muito material a ser observado. Além dos aspectos linguísticos do polonês, estudamos um pouco da história da comunidade polonesa, que é muito expressiva no sul do Brasil. Essa comunidade organiza a manutenção da sua cultura e língua por meio de publicações jornalísticas em língua polonesa, escolas étnicas-comunitárias de imigrantes, que ensinam o português e o polonês para seus filhos e, posteriormente, para seus descendentes. Atualmente, conseguimos ver os resultados da presença dos poloneses no estado do Paraná, que é o único lugar no Brasil que tem um curso de graduação em Letras - Polonês na Universidade Federal do Paraná, a UFPR. Previamente, fizemos uma breve contextualização sobre as línguas de imigração e sobre o estabelecimento da comunidade eslava no Brasil.

O sexto e último encontro foi sobre o Guarani. O percurso do Guarani foi um pouco mais complexo e desafiante, porque o contato foi tardio e as reuniões de planejamento com o Grupo “Alma Guarani” - grupo cultural que reúne paraguaios em São Paulo - aconteceram com certa demora. Mas conseguimos um direcionamento para contatar diretamente do Paraguai um falante do Guarani, que também estava envolvido na promoção da língua através do grupo. Foi um encontro diferente no modo como se deu linguisticamente, pois o ministrante Baroffi fez a apresentação em espanhol, sendo esta a língua utilizada então como meio de instrução. Para nós, essa situação comunicacional - de um falante de espanhol/português dialogando com outros falantes de



português/espanhol - deveria ser mais comum no contexto brasileiro, ao se tratar de uma língua irmã e de países próximos. No fim, recebemos a mensagem do Grupo “Alma Guarani” e percebemos que houve uma falha de comunicação entre as três partes - nós, o Alma Guarani e o professor Baroffi -, e, por conta desse equívoco, o grupo institucional não recebeu o convite para assistir a apresentação.

Durante esses encontros, nós sempre enviamos uma pequena atividade para os participantes exercitarem aquilo que aprenderam, e isso foi também uma estratégia educativa para incentivar a aprendizagem mais ativa nos moldes de conscientização e sensibilização linguística, pois os participantes sempre traziam informações novas e perspectivas diferentes. Esse canal foi importante para manter os participantes interessados e incentivá-los a fazer uma pequena pesquisa sobre a língua da semana em questão e seus aspectos.

Porém, mesmo com o esforço na organização e planejamento de todo o processo de ensino-aprendizagem, acabamos nos defrontando com um problema que o trabalho e o ensino remoto trouxeram: a tecnologia. Para além dos problemas de conexão que tínhamos às vezes, também houve problemas de transmissão na nossa plataforma do YouTube. Em um encontro, o site que usamos para espelhar a transmissão ao vivo no YouTube entrou em manutenção, o que trouxe problemas para essa transmissão. Em outra ocasião, uma transmissão já no canal foi tirada do ar por ter o trecho de um programa de uma emissora nacional, que exigia direitos autorais. Em terceiro momento, a transmissão deixou todos com a voz metalizada por conta do uso de um fone de ouvido. Por isso, imaginando os possíveis percalços, desde o primeiro encontro, decidimos gravar pelo Google Meets todos os dias do evento para colocá-los na plataforma do YouTube posteriormente, o que fez, entretanto, com que fossem perdidas as visualizações que conseguimos durante as *lives*. Essas situações comentadas aqui mostram o quão complexo é organizar e executar cursos e eventos na modalidade remota, especialmente na condição emergencial em que estávamos, mas que também é possível obter resultados e atuar fortemente na promoção das línguas menos divulgadas, independente do contexto.



### 3 Considerações Finais

Após o fim dos encontros, decidimos preparar um formulário anônimo para entender como o “Ciclo de Encontros: Línguas da USP, Línguas na USP” impactou as pessoas que assistiram, visando modificações e melhorias para a segunda edição. O curso recebeu diversas avaliações, a maioria positiva, as quais podemos resumir em seguintes tipos de comentários: a) qualidade de organização; b) introdução e contextualização da temática pelos integrantes fixos do grupo; c) abertura para ministrantes não-acadêmicos; d) pluralidade de ministrantes e e) materiais de base e complementares.

Esses comentários demonstram como o período preparatório de um semestre inteiro, com a construção coletiva e mais horizontal, foi necessário para criar este espaço colaborativo durante os encontros, em que as trocas, entre todos os envolvidos, ocorreram de forma profícua. Conceber e efetivar a criação de um espaço para mostrar a diversidade linguística do Brasil era nossa principal meta, visto que durante muitos anos essa realidade foi ofuscada por políticas monolíngues, que incentivaram uma cultura de negação e/ou despreocupação com a diversidade linguístico-cultural brasileira.

Quanto aos efeitos do projeto nos participantes, podemos dividir as respostas nas seguintes categorias: a) ampliação de perspectiva individual de mono para plurilíngue; b) diversificação do multilinguismo para além de línguas nativas do país; c) compreensão melhor do histórico linguístico brasileiro e d) familiarização com práticas de preservação e cultivo de diferentes línguas e culturas.

É perceptível que existe um certo senso comum, mesmo no nível acadêmico, de que o Brasil é um país monolíngue. Por conta disso, nosso curso se mostrou importante para apresentar uma outra realidade aos participantes, pois, como dito anteriormente, o Brasil não só é extremamente multilíngue em relação às línguas indígenas, como também quando se trata de línguas de imigração ou de outros tipos de línguas que circulam em território nacional.

E, por fim, ao indagar se o curso teve algum impacto na área profissional dos participantes, também obtivemos respostas e as agrupamos nas seguintes categorias: a) incentivo a outros profissionais de IES para criação de projetos de pesquisa e extensão; b) sensibilização linguística de profissionais de Letras; c) evidenciamento de modos de promoção de visibilidade do multilinguismo brasileiro e d) oferecimento de visões





diferentes de cursos de línguas que não estejam situados numa lógica mercantil capitalista. Além de oferecer a sensibilização linguística, foi possível, em algum nível, promover e incentivar a criação de projetos semelhantes, que poderiam também criar novas parcerias no futuro.

Nesta última parte do texto, em vez de uma conclusão com considerações finais mais tradicionais, recapitulando o que foi dito ao longo do texto, marcamos a voz e a subjetividade de nós - Favaro, Freire e Puh, os três integrantes do projeto “Línguas da USP, Línguas na USP” -, tecendo uma narrativa mais individualizada sobre os impactos e efeitos de tudo que vivenciamos no último ano. Mostraremos as pesquisa-narrativas, portanto, de uma aluna no meio do seu processo de formação acadêmica, de um aluno que está com uma parte da formação encerrada (o Bacharelado) e com outra ainda em curso (Licenciatura) e de um professor que está no início de sua carreira de docente universitário, tendo a sua primeira experiência de coordenação de um projeto de extensão.

Para Favaro, uma estudante que está em formação inicial e ainda não possuía muita prática acadêmica, o projeto “Línguas da USP, Línguas na USP” foi importante nesses aspectos, diz ela: me proporcionou o desenvolvimento e organização de eventos de ensino-aprendizagem. Durante todo o projeto nos foi apresentado formas de pesquisa, de discussão teórica, e de produção de materiais. Após adquirir um pouco mais de familiaridade com os textos estudados, produzimos em conjunto um artigo sobre o projeto, algo que foi muito importante para o meu desenvolvimento quando se trata de pesquisa acadêmica. Pois, mesmo a USP sendo notória como grande produtora de pesquisa, não existe no curso de Letras matérias voltadas para instruir de forma técnica como se faz a pesquisa científica.

Também, a elaboração do “Ciclo de Encontros: Línguas da USP, Línguas na USP” foi outro ponto importante, depois de estudar bastante sobre a diversidade linguística, nós conseguimos desenvolver essa atividade que reuniu diversas línguas, culturas e pessoas para debater esse mesmo assunto. Demandou também muita organização e preparação para que tudo acontecesse como planejado, e, no fim, todos os participantes pareceram gostar e se dispuseram a contribuir para próximas edições. Além disso, esse projeto foi bastante significativo para a minha evolução como estudante, porque comecei a perceber que estou desenvolvendo não apenas habilidades técnicas de pesquisa, seleção, organização de eventos, mas também uma consciência linguística que



eu não imaginava ter, já que tomei como garantido esse conhecimento como graduanda em Letras. Tomei noção sobre diversos tipos de línguas e diversos movimentos migratórios no Brasil que, mesmo com todos os apagamentos, trouxeram uma diversidade linguística enorme e, por enquanto, não tão conhecida. Essa noção foi essencial para entender a constituição do Brasil e as formas que as políticas linguísticas podem e são usadas como armas e formas de oprimir. Esse entendimento foi importante para a construção do evento “Ciclo de Encontros: Línguas da USP, Línguas na USP”, que foi uma das formas que elaboramos para proporcionar um debate mais amplo com pessoas de todas as partes do país acerca dessas questões.

Enquanto aos aprendizados do Freire, seguem suas pontuações: a participação deste projeto PUB ao final da minha graduação proporcionou uma perspectiva que o curso de linguística não contemplou totalmente. A Linguística configurou-se, na minha percepção - enquanto estudante da habilitação de Linguística da Universidade de São Paulo - como um grupo de disciplinas fragmentadas, que não dialogam, necessariamente, umas com as outras. Dessa forma, há uma formação teórica em campos específicos da área, como a Pragmática, a Fonologia e a Sociolinguística, mas não uma visão mais detida sobre as áreas da Linguística que pensam nas línguas do mundo e nas suas relações com as sociedades. Assim, os processos migratórios, as políticas linguísticas, implícitas ou explícitas, e o ensino de línguas foram campos da Linguística que conheci neste projeto, e que eu considero importante para uma formação ampla enquanto linguista. Além disso, os estudos sobre decolonialidade no ensino de línguas, plurilinguismo, multiculturalismo, políticas linguísticas e das políticas e planejamentos linguístico para ciência e educação superior foram áreas que exploramos através das leituras bibliográficas iniciais e também quando pensamos na maneira de elaborar o ciclo de encontros. Dessa forma, a experiência nesse segmento da pesquisa linguística foi fundamental para mim, encerrando a minha formação neste último ano de bacharelado, além de me trazer um sentimento de pertencimento - de unidade - em meio a esta vasta área que é a Linguística.

No caso do Puh, idealizador e coordenador do projeto, foi possível tecer o seguinte: os desdobramentos do projeto têm mostrado que o caminho da aprendizagem se dá, principalmente, com o enfrentamento e com as mudanças de rumo frente às questões e problemas identificados em seu entorno. Por conta disso, o projeto deixou evidente o quão complexo é pensar numa proposta de curso que integre diversas línguas,



ministrantes e ideias sobre o que se deve ensinar num curso cujo principal objetivo é conscientizar e sensibilizar os participantes, sejam eles profissionais em Letras ou não. O trabalho realizado me colocou em contato com pessoas de vivências e conhecimentos distintos aos meus, exigindo que eu levasse em consideração a participação de pessoas externas ao projeto, o que trouxe uma riqueza de visões sobre como ensinar aspectos sobre uma língua-cultura, mas que, igualmente, pedia uma organização interna para que, ao olhar tantas línguas em diferentes propostas, pudéssemos manter algum grau de unidade. Após a sua conclusão, o curso tem rendido discussões e aprendizados de ordem prática, porque demandou um olhar bastante peculiar sobre como criar esses espaços na universidade, em que o ensino de línguas menos divulgadas ainda não é frequente.

Nesse sentido, tenho aprendido como fazer um trabalho, diria verdadeiramente colaborativo, pode levar o ensino de línguas e suas culturas um passo adiante, num país onde a ideologia do monolinguismo é muito forte. Penso ainda que precisamos aprender a não somente atender demandas existentes, mas criar novas demandas, através da oferta de cursos que aproximem esses diferentes públicos e docentes ministrantes, mostrando que é possível ensinar línguas não-hegemônicas no Brasil. A minha esperança é continuar com o projeto e criar uma coletivo de línguas cujo potencial deixará de esperar a ser “descoberto”, procurando maneiras de o viabilizar nas instituições de ensino, na e para além da universidade.

## Referências

BROOKS, R., WATERS, J. L. **Student Mobilities, Migration and the Internationalization of Higher Education.** – Houndmills/Basingstoke/Hampshire., 2011.

CAVALCANTI, M. C. Educação linguística na formação de professores de línguas: intercompreensão e práticas translíngues. In: MOITA LOPES, L. P. da. **Linguística Aplicada na modernidade recente.** São Paulo: Parábola, 2013, p. 211-226.



CURSINO, C. A. Formação de professores numa perspectiva plurilíngue para o acolhimento linguístico de estudantes migrantes / refugiados. **Calidoscópico**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 415–434, 2020.

FAVARO, Laís Vitória; FREIRE, Pedro Henrique Camargo; PUH, Milan. **Extensão universitária enquanto democratização do ensino de línguas menos divulgadas: projeto “Línguas na USP/Línguas da USP”**. In: *Línguas em Diálogo* (s.p), Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2021.

JESUS, Paula Clarice Santos Grazziotin. **Política e Planejamento Linguístico para a Ciência e Educação Superior: Possibilidades do multilinguismo para a produção e a difusão de conhecimento**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis 2018.

JUNIOR. Ronaldo (org.). **Pesquisa narrativa: histórias sobre ensinar e aprender línguas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

MAGALHÃES, M. C. C. As linguagens na formação de professores como profissionais reflexivos e críticos. In: MAGALHÃES, M. C. C. (Org.) **A formação do professor como um profissional crítico**, Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 59-86.

SEIFFERT, Ana Paula. **Censo, Diagnóstico, Inventário E Observatório Linguísticos: Aspectos Metodológicos E Papel Político-Linguístico**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

VAN ZANTEN, A.; BALL, S. J./DARCHY-KOECHLIN, B. **Elites, privilege and excellence: the national and global redefinition of educational advantage**. London: World Yearbook of Education, 2015.

WÜRZIUS, L. M. A importância de se trabalhar com abordagens plurais em aula de língua estrangeira: em especial a Conscientização Linguística. **PROJEKT (CURITIBA)**, v. 1, p. 4-10, 2017.